



Uso das TDIC na Formação de Professores: o caso da Oficina de Vídeo mediada através do Facebook

Clara Cristina Cavalcanti Santos

Sérgio Paulino Abranches

(UFPE)

Resumo

O presente artigo discute o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC'S) na formação docente inicial mediada pelo *Facebook*. O texto parte do relato de uma experiência, através de uma oficina realizada com alunos do curso de Pedagogia, na disciplina História da Educação, na Universidade Federal de Pernambuco. A discussão está fundamentada na perspectiva do uso pedagógico de tecnologias digitais bem como na perspectiva da inclusão digital. A referida oficina faz parte de uma ação de extensão universitária, ministrada por graduandos, pós-graduandos e técnicos, coordenada por docente, com o objetivo de favorecer a inclusão digital de jovens de periferia e turmas de licenciandos, através da produção de conteúdo digital, nas diversas linguagens midiáticas. A experiência aqui descrita e analisada foi da oficina de vídeo digital de bolso, sendo que a equipe responsável mediu a aprendizagem sobre a própria técnica da produção de vídeos digitais de bolso, mesclando as modalidades presencial e a distância, explorando o uso das redes sociais como ambiente virtual de aprendizagem, através do *Facebook*. Conclui-se que o uso do Facebook favoreceu uma ação mais protagonista das discentes e que a rede social é um meio para as atividades de ensino e também de formação docente.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Mediação Pedagógica. Formação Docente.

Abstract

This article discusses the use of Digital Technologies of Information and Communication (TDIC'S) initial teacher training mediated by Facebook. The text of the report of an experience through a workshop held with students of the Faculty of Education in the History of Education course at the Federal University of Pernambuco. That workshop is part of a university extension of action, given by undergraduate students, graduate students and technicians, coordinated by teachers, aiming to promote the digital inclusion of young people from the periphery and undergraduates classes through digital content production, media in various languages. The experience here described and analyzed was the digital pocket video workshop, being the responsible staff mediated learning about the very technical production of



digital pocket video, merging the presence modalities and the distance, exploring the use of social networks as virtual learning environment, through the use of Facebook. We conclude from this experience that the use of Facebook favored more action protagonist of students and that social networking is a means for teaching and also for teacher training.

Keywords: Digital Technologies of Information and Communication. Pedagogical Mediation. Teacher Training.

Introdução

Em tempos de internet, aparatos tecnológicos e convergência digital, tem-se requerido cada vez mais do indivíduo uma compreensão da linguagem digital (LÉVY, 1999) e um posicionamento crítico e criativo. Nesta sociedade da cultura digital, pensar e inserir pedagogicamente as mídias e as tecnologias na sala de aula tem sido um desafio para docentes e discentes.

Atividades corriqueiras como acessar o *facebook* ou *instagram*, curtir um comentário, gravar um episódio, tirar uma foto e compartilhar nas redes sociais são ações simples de serem realizadas. Mas fazer esta inversão para a sala de aula, ao passo que é desafiador para alguns, tem sido uma oportunidade de aprendizado para outros.

A formação de professores para o uso da tecnologia, para além do instrumental, tem sido uma discussão recorrente. O livro lançado pela UNESCO (2013) sobre “Alfabetização Midiática e Informacional - currículo para formação de professores” evidencia para onde lança seu olhar: para as “atuais tendências de convergência” e para os professores “com vistas à integração no sistema formal de educação, lançando assim um processo catalítico que deve alcançar e capacitar milhões de jovens” (WILSON, 2013, p. 11).

Portanto, a formação docente precisa contemplar e acompanhar as mudanças que a sociedade do conhecimento preconiza, bem como estar preparada para a “Educação para o Século XXI” (DELORS, 1998, p. 90) assentada em quatro pilares do



conhecimento: *aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; e aprender a ser.*

Frente a esse cenário que se descortina, o professor precisa estar mais próximo desta realidade. Portanto, foi com vistas a essa sociedade do conhecimento, a linguagem digital (LÉVY, 1999) e a alfabetização midiática e informacional (WILSON, 2013) que o grupo de oficinairos que faz parte do Programa de extensão **PROI-DIGIT@L: ESPAÇO DE CRIAÇÃO PARA INCLUSÃO DIGITAL DE JOVENS DA PERIFERIA DE RECIFE** foi convidado a ministrar oficinas de produção de conteúdos em mídias digitais para alunos da disciplina História da Educação no Brasil, no curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco.

A atividade tinha como objetivo a produção acadêmica de conteúdos ligados à ementa da disciplina, através de mídias digitais, em contraposição aos tradicionais trabalhos em papéis e ou apresentações de seminários, visando também promover a reflexão entre os discentes sobre o uso das TDIC's a favor dos professores, e não mais como uma afronta às suas aulas.

Neste artigo, será descrita e analisada a experiência da oficina de produção de vídeo digital de bolso, voltada para alunos da disciplina, com o uso da rede social *Facebook*, como ambiente virtual para a mediação à distância, e também as atividades presenciais desenvolvidas.

1. Proi-digit@l: Extensão Universitária a favor da Inclusão Digital através da Educação

O Programa de Extensão **PROI-DIGIT@L: ESPAÇO DE CRIAÇÃO PARA INCLUSÃO DIGITAL DE JOVENS DA PERIFERIA DE RECIFE** visa promover ações de inclusão digital entre jovens de periferia, bem como a formação e sensibilização de licenciandos em relação ao uso das TDICs em contextos pedagógicos. A intenção é que em um futuro



próximo, os mesmos poderão vir a multiplicar ações desta natureza em suas futuras turmas do Ensino Básico.

O Proi-Digit@I é composto de equipes de oficinairos, divididas por área das TDIC's. Atualmente há 4 (quatro) grupos: Vídeo Digital; Podcast; Twitter e História em quadrinhos.

Os grupos desenvolvem metodologias de Oficinas que tratam da produção de conteúdo digital e aplicam em diversos espaços e públicos diversificados, tais como escolas públicas, universidades e eventos científicos.

1.1 Produção de Vídeo Digital por alunos de Pedagogia

A convite do docente da disciplina História da Educação no Brasil no curso de Pedagogia, os integrantes do Proi-digit@I estiveram em sala de aula, apresentando sucintamente a proposta das oficinas da produção de conteúdo digital para a turma. Em seguida, os alunos foram convidados a escolher a mídia para produzirem suas próprias histórias da educação.

Em virtude do pouco tempo disponibilizado para os encontros presenciais e para a finalização da produção de um vídeo digital, os oficinairos resolveram adotar uma estratégia de acompanhamento que os ajudasse a mediar as atividades a distância, uma vez que só seriam dois encontros presenciais.

Após analisar algumas opções, optou-se inicialmente por realizar o acompanhamento por um AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), como o Moodle, por um blog ou um site (de alguma rede social). O critério para escolha do aplicativo perpassava pela inclusão digital, portanto, que todos os alunos pudessem e tivessem acesso. Dentre as possibilidades, a escolha pelo *Facebook*, rede digital de relacionamento mais usada no Brasil, foi unânime entre os oficinairos.



A oficina realizada com os discentes adotou a metodologia de aprendizagem ativa, a fim de favorecer a autonomia, a interação e a aquisição do conhecimento a partir da produção de um vídeo digital, com a duração de até 2 minutos que contemplasse a “criação coletiva das histórias” (DUARTE et al., 2014, p. 33) pessoais dos alunos de Pedagogia, referentes às suas etapas educacionais.

1.2. O uso de tecnologias digitais na produção acadêmica por alunos de graduação

A construção do conhecimento vem passando por uma transformação a partir do desenvolvimento da Internet. Segundo Lévy (2001 *apud* HACK, 2011, p. 50), “através da internet, o processo de construção do conhecimento entrou em um sistema de trocas em que as pessoas aprendem entre si e produzem uma concorrência dos diferentes pontos de vista”. O uso pedagógico dos dispositivos móveis por alunos do ensino superior ainda é uma ação retraída. No entanto, alguns docentes têm estimulando a aplicabilidade em sala de aula e percebido a potencialidade das ferramentas nas atividades acadêmicas. Inserir-las apenas para seguir a tendência, sem critério e critérios, não é garantia de aprendizado. “As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente” (KENSKI, 2012, p. 46). Como afirma a referida autora, o que faz a diferença do ponto de vista qualitativo é “a capacidade de adequação do processo educacional aos objetivos que levaram você, pessoa, usuário, leitor, aluno, ao encontro desse desafio de aprender” (KENSKI, 2012, p. 46).

A inserção das TDICs em sala de aula não retira do docente sua prática de ensino. Neste novo cenário, o que se vislumbra é uma tríade professor x aluno x conhecimento diferenciada. A relação anterior, que privilegiava a verticalidade do ensino, cede espaço para uma horizontalidade em que prevalece a troca de saberes entre docentes e discentes, numa construção coletiva, colaborativa entre os pares. Os



alunos “assumem o papel de aprendiz ativo e participante (...), sujeito de ações que o levam a aprender e a mudar seu comportamento” (MASETTO, 2011, p. 141), enquanto os professores “assumem uma nova atitude” (MASETTO, 2011, p. 142) são os mediadores, os facilitadores da aprendizagem, o arquiteto cognitivo.

A mediação pedagógica tem sido ponto de reflexão de estudiosos, dentre eles destacamos Masetto (2011, p. 144), o qual questiona: “como fazer para que o uso da tecnologia em educação, principalmente nos cursos universitários de graduação, possa desenvolver uma mediação pedagógica”. O autor esclarece que a mediação perpassa por uma “atitude, comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem” (MASETTO, 2011, p. 144). Moran (2011, p. 30) complementa relacionando esse processo de aprendizagem à “orientação intelectual, emocional e gerencial”.

Devemos salientar aqui que não é o simples uso dos recursos tecnológicos mais avançados que vai promover uma transformação na produção e aquisição de conhecimento e sim a forma de se relacionar entre professores e alunos, na perspectiva de aproveitar as contribuições de cada um no processo educativo. As tecnologias seriam apenas os meios de comunicação que ajudam a intensificar esse comportamento. O professor Moran (1999, p. 8) nos traz a seguinte reflexão:

Faremos com as tecnologias mais avançadas o mesmo que fazemos conosco, com os outros, com a vida. Se somos pessoas abertas, as utilizaremos para comunicar-nos mais, para interagir melhor. Se somos pessoas fechadas, desconfiadas, utilizaremos as tecnologias de forma defensiva, superficial. Se somos pessoas autoritárias, utilizaremos as tecnologias para controlar, para aumentar o nosso poder. O poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias mas nas nossas mentes.



1.2.1. Uso de recursos da Educação a Distância em turmas do Ensino Presencial - Blended Learning

O advento da internet e a inserção de novas tecnologias digitais alterou não só as relações comerciais, econômicas, mas as sociais e educacionais. Como atesta Kenski (2012, p. 121), a “evolução tecnológica digital (...) muda, e muito, a concepção do ensino. Caem por terra as definições do que é presencial ou a distância”. A discussão da autora perpassa por uma redefinição de conceitos entre o presencial e a distância, em que a diferença estará nas “novas formas de ensinar e aprender” (2012, p. 121).

A Educação a Distância é definida por Aretio (1996, p. 13), como

um sistema tecnológico de comunicação bidirecional, o que pode ser maciça e que substitui a interação pessoal na sala de aula entre professor e aluno como meio preferido de instrução, pela ação sistemática e conjunta dos diversos recursos educacionais e com o apoio de uma organização e tutoria, que propiciam o aprendizado independente e flexível dos estudantes (tradução dos autores).

Para o autor, a Educação a Distância deve proporcionar um “processo de construção do conhecimento de forma crítica, criativa e contextualizada, no momento em que o encontro presencial do educador e do educando não ocorrer, promovendo-se, então, a comunicação educativa através de múltiplas tecnologias” (HACK, 2011, p. 15).

Para existir educação deve se estabelecer comunicação completa, de mão dupla, com a possibilidade de feedback entre docente e discente (ARETIO, 1996, p. 47 apud HACK, 2011, p. 15). Desta forma, é concebível que os docentes de cursos presenciais possam adotar práticas típicas da modalidade à distância, desde que sejam fiéis a essas necessidades. Para esta prática existe um termo conhecido pelos especialistas como “*blended learning*”, como nos explica Gómez (2010, p. 3): “O termo



blended learning tem sido usado em cenários acadêmicos e corporativos para fazer referência à presença das modalidades face a face (presencial) e *on-line* (não presencial) na proposta formativa” (tradução do autor).

À primeira vista, o leitor poderia se perguntar se o docente poderia ter autorizado o uso de mecanismo de mediação que não se realizasse dentro do espaço da sala de aula, tendo em vista que se trata de um curso na modalidade presencial. Em primeiro lugar é preciso esclarecer que a mediação por meio das tecnologias de informação, de forma a se configurar como uma atividade à distância, está garantida por lei, sendo legítimo conforme a atual legislação do Ensino Superior brasileiro. De acordo com a Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, in verbis:

Art. 1º As instituições de ensino superior poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semipresencial, com base no art. 81 da Lei nº 9.394, de 1.996, e no disposto nesta Portaria.

§ 1º Para fins desta Portaria, caracteriza-se a modalidade semipresencial como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centrados na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota.

§ 2º Poderão ser ofertadas as disciplinas referidas no caput, integral ou parcialmente, desde que esta oferta não ultrapasse 20 % (vinte por cento) da carga horária total do curso.

§ 3º As avaliações das disciplinas ofertadas na modalidade referida no caput serão presenciais.



Desta forma, o docente estava autorizado a recomendar atividades que requerem acompanhamento por grupos em redes sociais. Salientamos aqui que os alunos poderiam ter optado pela oferta de outras oficinas de produção de conteúdo digital, que não acarretaria na necessidade de se cadastrar em nenhuma espécie de plataforma virtual.

No grupo de alunos que participou desta oficina, havia 02 que não tinham perfis no *Facebook*, sendo sua participação nas atividades feitas em outras etapas do trabalho, que não necessitaram de mediação à distância, entre as quais a produção em grupo do roteiro de gravação, a coleta de imagens de acervo pessoal e o contato com os parentes que cederam os depoimentos e os direitos de uso de imagem. Por meio de *Whatsapp* puderam debater e acompanhar o andamento das atividades junto às demais participantes.

O uso da rede social promoveria a ampliação das oportunidades de encontros do membros participantes da oficina eicineiros, pois suas agendas sociais dificilmente coincidem e não é fácil marcar um horário em que todos estejam disponíveis para se encontrar. O caráter assíncrono das atividades na rede social facilitaria o processo neste sentido.

1.2.2 A importância da produção de vídeos na Educação

A convergência digital em um só aparelho, aliada à facilidade de aquisição dos dispositivos móveis e o acesso à internet, tem sido elemento que contribui para o crescimento da produção audiovisual digital. Desfrutamos cada vez mais pessoas gravando situações do cotidiano, a partir dos smartphones, e compartilhando em suas redes sociais. As cenas gravadas refletem o que se está vendo naquele momento, sem muita elaboração devido à potencialidade que o recurso que se tem em mãos pode oferecer.



A produção de um vídeo eterniza um posicionamento, uma escolha por determinadas imagens em detrimento de outras, evidencia uma escolha, uma mensagem, um pensamento, uma expressão numa linguagem audiovisual. O vídeo encanta a quem produz e a quem assiste. Afinal é a possibilidade de se ver, ou reconhecer o que produziu, reunidos em um só formato o som, a imagem e o áudio.

Do ponto de vista pedagógico, como aliar este recurso, tão presente no cotidiano das pessoas, com uma prática que oportunize aprendizado? Moran (2011, p. 31) pontua alguns princípios metodológicos a nortear este ensino mediado também pelas tecnologias, a saber:

- Integrar tecnologias, metodologias, atividades (...) Trazer o universo do audiovisual para dentro da escola.
- Variar a forma de dar aula (...)
- Valorizar a presença no que ela tem de melhor e a comunicação virtual no que ela nos favorece. Equilibrar a presença e a distância, a comunicação “olho no olho” e a telemática (MORAN, 2011, p. 31).

Aliado a isso, entende-se que o docente precisa compreender e dominar as novas linguagens e como incorporá-las em sala de aula de forma crítica e pedagógica.

O vídeo digital é uma das produções contemporâneas mais difundidas na Internet. Com o advento das tecnologias de captação e edição de imagens que se tornam cada vez mais fáceis de transportar, intuitivas, bem como economicamente acessíveis e com a facilidade de se encontrar informações sobre as técnicas de produção destes conteúdos na rede, o número de pessoas capazes de produzir conteúdo audiovisual cresce a cada dia. O vídeo digital passa a ser um instrumento poderoso de compartilhamento de ideias.



O fotógrafo Marcelo Valle (2013, s/p) nos explica o que se denomina vídeo de bolso:

é um filme produzido a partir de tecnologias acessíveis e portáteis, principalmente telefones celulares que têm câmeras acopladas e que, ao mesmo tempo, permitem gravar, editar e transmitir o material. Uma característica importante é a mobilidade dos aparelhos que possibilitam que estejam sempre ao alcance de nossas mãos em qualquer situação. Geralmente, são vídeos curtos, de pouca duração. Outra característica interessante é a publicação e circulação desses vídeos na internet. Eles são feitos basicamente para estarem na rede, o que lhes permite um alcance ilimitado.

Moran (2011, p. 34) defende o vídeo como uma força de “conseguir dizer muito mais do que captamos”, do poder de seduzir, informar, entreter. O autor assim o define:

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele - nos toca e "tocamos" os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos” (MORAN, 1995, p. 01).

1.3 Facebook

Criado em 2004, o *Facebook* inicialmente estava circunscrito apenas ao ambiente universitário, com a oferta de uma rede de relacionamento para alunos de uma determinada universidade dos Estados Unidos. No entanto, aos poucos foi se expandindo pelo mundo afora, conquistando adeptos e ampliando o leque de possibilidades de uso, com usuários se relacionando através dos grupos de interesses.



Ao longo desses dez anos o que se observa é uma diversidade de utilidade do *Facebook*; grupos que se relacionam com as mais diversas finalidades, dentre elas: econômica, cultural, educacional. Empresas, atores, instituições educacionais, políticas etc. têm no *Facebook* um espaço de divulgação dos seus produtos, compartilhamento de ideias, de reclamações, indignações, opiniões e espaço para troca de conhecimento, interação e integração entre alunos e professores; um ambiente agregador de pessoas e posicionamentos. Além de ser visitado por milhões de pessoas diariamente, ressaltamos, também, a existência do *Facebook education*, uma página com informações sobre como os professores podem potencializar o uso dessa rede social.

O *Facebook* é um website gratuito. Nele os “usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos” (...) “a visualização de dados detalhados dos membros é restrita para membros de uma mesma rede ou amigos confirmados” (FACEBOOK).

O *Facebook* também atende ao requisito de mobilidade, pois pode ser acessado a partir de qualquer smartphone conectado à internet, possibilitando que os oficinairos e participantes da oficina possam acompanhar as atividades dentro do grupo em locais diversos.

O aplicativo tem alguns aspectos peculiares que caracterizam a comunicação dentro da plataforma, tais quais: o botão “curtir” que é “um recurso onde os usuários podem gostar de certos conteúdos, tais como atualizações de status, comentários, fotos, links compartilhados por amigos e propagandas” (FACEBOOK). Este mesmo botão também pode ser utilizado para acompanhar o acesso dos participantes da oficina aos conteúdos que fossem postados pelos oficinairos ao longo dos dias.

“O recurso ‘status’ permite aos usuários informar a seus amigos e a membros de sua comunidade coisas que acha interessante, como vídeos, fotos e links”. Não sendo necessário postar no perfil de cada participante a mensagem que se quer



passar, com uma única postagem, todos os participantes cadastrados têm possibilidade de serem notificados e verem a mensagem, desde que conectados (FACEBOOK). Este recurso possibilita que o conteúdo postado dentro do grupo seja facilmente visualizado pelos participantes e oficinairos.

É possível compartilhar vídeos no Facebook, que podem ser adicionados de um arquivo do computador, ou do smartphone; ou utilizando um recurso de gravação direta de uma webcam. (FACEBOOK). A facilidade de *upload* de vídeos no Facebook é fundamental para o uso deste para a mediação de uma Oficina de Vídeo Digital, não sendo necessário que nem oficinairos nem participantes abrissem contas em sites de compartilhamento de vídeos, como Youtube, por exemplo.

Além destas características, o *Facebook* é bastante popular entre os jovens e a probabilidade de encontrar interessados na Oficina que já tivessem perfil nesta rede social era alta. Dados sobre o uso da Internet no Brasil, encontrados em uma pesquisa publicada em 2014 pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, confirmam que o *Facebook* se configura entre as redes sociais mais usadas pelos brasileiros. “Entre as redes sociais e os programas de trocas de mensagens instantâneas mais usadas (1º + 2º + 3º lugares), estão o Facebook (83%), o *Whatsapp* (58%), o Youtube (17%), o Instagram (12%) e o Google+ (8%).” (BRASIL, 2014, p. 50).

Portanto, ao procurar uma plataforma virtual para o acompanhamento da Oficina, escolhemos o *Facebook*, apesar de não ser um Ambiente Virtual de Aprendizagem desenvolvido com finalidade voltada para Ensino e Aprendizagem, mostrou-se uma opção viável à primeira vista devido a algumas características próprias desta rede social.

Além disto, era esperado que os alunos que viessem a escolher a oficina de vídeo nestes moldes já tivessem alguma experiência de comunicação dentro dos tipos de espaços disponíveis nesta rede social.



Depois de escolhida a rede social era preciso analisar em que espaço oferecido pelo *Facebook* ia se dar a comunicação. *Fan Page* ou Grupo? De acordo com os desenvolvedores do *Facebook*, “Grupos são espaços privados onde você pode compartilhar atualizações, fotos ou documentos, além de enviar mensagens a outros membros do grupo. Eles “fornecem um espaço para as pessoas conversarem sobre interesses em comum” e “podem ser criados por qualquer pessoa” e há “três opções de privacidade” (FACEBOOK, 2015).

Já na *Fan Page* “as informações e publicações da página são públicas e geralmente disponíveis para qualquer pessoa do *Facebook*” (FACEBOOK, 2015).

A vantagem do grupo é que se pode escolher o perfil de privacidade adequado para as atividades. No caso da Oficina de Vídeo de Bolso, seria determinado o modelo “Fechado” pelo qual “Qualquer um pode pedir para participar ou ser adicionado ou convidado por um membro”, conforme as orientações da central de ajuda do *Facebook*. A privacidade do grupo no que diz respeito à formação e à submissão da aprovação pelos administradores do grupo também é uma opção dada e explicada passo a passo na página do *Facebook*.

Além disto, “os membros dos grupos podem participar de bate-papos, carregar fotos para álbuns compartilhados, colaborar em documentos dos grupos e convidar os membros que são amigos para eventos dos grupos”, recursos importantes para uma atividade colaborativa, permitindo a interação entre todos os envolvidos no processo educativo (FACEBOOK, 2015).

Após entender o funcionamento de ambos os espaços, optou-se por criar um **Grupo** chamado “Oficina de Vídeo de Bolso - História da Educação no Brasil”.

O recurso “Arquivo” também foi um dos motivos para escolher o grupo como ambiente para a Oficina, devido à facilidade para disponibilizar e acessar arquivos no grupo, tanto para osicineiros quanto para os participantes.



2. Metodologia da Oficina

Com uma metodologia ativa que contemple a autonomia do discente, o desenho da oficina teve dois encontros presenciais e 07 dias de acompanhamento à distância via Grupo no *Facebook*, com vista a oportunizar, também, uma ação protagonista do discente em relação à sua produção audiovisual e ao saber.

Sendo assim, o primeiro encontro visou à apresentação da proposta de trabalho, através da exibição de um vídeo sobre a Oficina produzido pelosicineiros, abrindo um espaço para esclarecimento, formação de grupos e troca de contatos entre osicineiros e os alunos para que pudessem adicionar os membros ao grupo criado no *Facebook*.

O segundo encontro foi voltado à roteirização do vídeo. Os alunos foram estimulados a utilizarem os dispositivos móveis disponíveis (smartphones e notebook), a buscarem o grupo no *Facebook* e acessarem o link postado pelosicineiros que levava a uma página na Internet, onde eles poderiam encontrar um conceito de Roteirização. Após lerem as orientações, os alunos foram estimulados a expor o que entenderam sobre essa ação e, em seguida, a elaborarem o seu próprio roteiro.

Entre os dois encontros, os alunos foram estimulados, através de postagens no grupo do *Facebook*, nas quais eram “marcados” e chamados a participar de discussões, postar tarefas, tirar dúvidas etc. Durante esta ação à distância, percebeu-se uma interação assídua de alguns integrantes, em contraponto de uma tímida de outros.

2.1 Primeiro Encontro Presencial: Apresentação da Proposta da Oficina

Neste primeiro encontro, a missão era apresentar a proposta de Oficina de cada grupo do Proi-Digit@I. Osicineiros do vídeo digital utilizaram a projeção de um vídeo produzido pelos própriosicineiros. O vídeo intitulado “Oficina de Vídeo de Bolso”, com duração de 05 minutos e 48 segundos, foi exibido de forma que eram



dadas pausas para que os Oficineiros complementassem informações e interagissem com a turma.

O vídeo apresentava a seguinte sequência narrativa: Equipe de Oficineiros, Exemplo de vídeo produzido em outra oficina com objetivo de similar, fundamentação teórica sobre o uso de vídeos na Educação, de autoria do Prof. João Mattar, explicação sobre as etapas básicas da oficina (Roteirização, Gravação, Edição) e sobre o acompanhamento das atividades via *Facebook*.

A cada pausa, os oficineiros explanavam os aspectos técnicos da produção de vídeos utilizando o próprio vídeo em questão como exemplo. O mesmo apresentava erros propositais para estimular a percepção e a reflexão sobre os mesmos durante a explicação. Também houve preocupação em alertar sobre exposição de menores, direitos de imagem e autorais. O grupo cumpria o objetivo de tentar seduzir os alunos da turma para a oficina, salientando a importância da produção de vídeos de bolso na educação.

Foi formado um grupo de 07 alunas interessadas. Além das alunas, o docente também foi adicionado ao Grupo, no Facebook, permitindo que estivesse atento ao andamento das atividades dos oficineiros e participantes.

2.2 Segundo Encontro Presencial: Introdução à Roteirização de Vídeos de Bolso

O segundo momento contemplou a roteirização, com explicações sobre a relevância da sua construção, assim como da sua elaboração para auxiliar na gravação do vídeo. Após a explicação, as discentes foram convidadas a acessarem a página no *Facebook*, via dispositivos móveis, onde encontrariam a definição de roteiro.

Enquanto as alunas acessavam e debatiam sobre o conceito de roteirização, os oficineiros registraram fotos das participantes durante estas ações e postaram no



grupo da Oficina de Vídeo de Bolso, para que as mesmas pudessem ter registro visual desta etapa da oficina.

Após o momento de explanação, consulta e esclarecimentos, o grupo envolvido nesta atividade foi estimulado à discussão e à elaboração do roteiro. Em virtude do tempo, o grupo não finalizou a ação proposta, ficando para o acompanhamento à distância. Um contratempo inesperado para o acompanhamento via *Facebbok* das atividades da Oficina foi o fato de mesmo tendo sido alertadas desde o primeiro encontro presencial de que para participar dos momentos virtuais era necessário ter perfil ativo na rede social, algumas participantes se recusaram a criar os perfis. O grupo resolveu criar uma conta de *e-mail* para servir de ferramenta de comunicação virtual alternativa para as alunas que estivessem nesta situação. Porém este meio de comunicação com osicineiros não foi procurado por elas, ficando mesmo restrita aos momentos presenciais.

2.2.1 As fases de acompanhamento a distância através do Facebook

APRESENTAÇÃO DA OFICINA

No *Facebook* existe um campo chamado “PUBLICAÇÃO FIXADA”. O conteúdo publicado neste campo ficará sempre na mesma posição, acima das demais postagens que forem adicionadas ao grupo. Escolheu-se este local para deixar disponível um Roteiro da Oficina, a partir do qual as participantes poderiam se guiar sobre a sequência de atividades e ter acesso aos conteúdos que estavam previstos a serem postados progressivamente ao longo do período da oficina. Neste mesmo local, fixou-se o vídeo apresentado na sala de aula para que as participantes pudessem revê-lo quando quisessem.

ACOLHIMENTO

Assim como em atividades presenciais, as atividades à distância demandam também um pouco de “calor humano”. Não se inicia uma relação do “nada”. É preciso dar boas vindas e se apresentar. Osicineiros se apresentaram e se mostraram dispostos a ajudar os alunos durante o processo de produção do vídeo. Apesar de ter um grande número de visualizações, apenas uma aluna postou sua mensagem de apresentação.



TROCA DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

A produção de um conteúdo através de histórias pessoais exigiria que cada participante contasse um pouco para os outros sobre suas experiências educacionais. Desta forma foi pensado um espaço para proporcionar essa troca também no ambiente virtual. Mais uma vez, apesar do grande número de visualizações, o *feedback* por parte das participantes a esta atividade foi baixo, uma das alunas se interessou em responder e tirou dúvidas sobre onde postar a resposta, fazendo isto em seguida.

ROTEIRIZAÇÃO

Foi postado um formulário de roteiro de vídeo de bolso, previamente preenchido, para servir de exemplo para as participantes da oficina criarem seu próprio roteiro. Para este fim foi postado um formulário em branco para ser preenchido e solicitou-se que, depois de concluído, o mesmo fosse postado no grupo. O referido formulário se constituía numa tabela de duas colunas em que deveriam ser registradas quais as imagens e o áudio de cada cena estariam previstos na produção. Abaixo estavam tópicos dos créditos que deveriam estar no final do vídeo. As participantes cumpriram a tarefa. Verificou-se que a narrativa do vídeo produzido foi realmente baseado no que previa o roteiro das participantes. Osicineiros conferiram o material produzido e orientaram as participantes a aperfeiçoarem os detalhes que fossem criados durante a produção do vídeo no roteiro. A seguinte mensagem de motivação foi dada como *feedback* à postagem do roteiro, que foi deixada na sessão “arquivos” do grupo:

“Começaram bem. Estão entendendo a atividades, meninas! A cada decisão que tomarem daqui para frente incluam novas células na ficha de roteiro. Por exemplo: foto de fulana com a bandeira nacional. Depois foto de sicrana praticando voleibol. Por que isto é importante? Por que roteiro norteará aqueles responsáveis por organizar as gravações e depois aqueles que vão editar o vídeo no computador. Vocês estão indo muito bem. Amanhã o roteiro de vocês pode estar diferente devido às ideias ficarem mais concretas. Vocês vão perceber que há cenas possíveis e outras que não serão devido a fatores diversos. Continuem atualizando o roteiro e postando no face. Parabéns!” (Oficineira - reprodução da postagem no Facebook).

Outro *feedback* dado à postagem do roteiro preenchido pelas participantes foi a postagem por um dosicineiros de um link que levava a um site de efeitos sonoros livres e gratuitos, que poderia subsidiar as participantes na hora de inserir os efeitos sonoros previstos. Isso foi possível porque as participantes descreveram os efeitos de áudio que pretendiam usar.

GRAVAÇÃO

Nesta etapa o acompanhamento das atividades se deu da seguinte forma: uma primeira postagem nesta etapa orientava sobre a necessidade de se fazer um teste dos dispositivos móveis de captação de imagens. É uma atitude importante na produção de vídeos, pois o desconhecimento dos recursos do aparelho pode causar transtornos e a necessidade de repetir as gravações várias vezes. Depois disto, foi postado um link de vídeo disponível no site YOUTUBE intitulado Tutorial Produção Vídeo - Planos e Regras de Enquadramento. O vídeo trata dos tipos de planos de filmagem e suas finalidades. É um conhecimento muito útil na hora de se escolher qual a perspectiva da cena mais adequada para passar a ideia que se pretende no vídeo. O acompanhamento das gravações ficou comprometido devido ao pouco interesse demonstrado pelas participantes em relatar esta atividade no grupo. Conseguiu-se



algumas breves notícias sobre quando começariam a gravar, ou se haviam observado as recomendações. Porém o resultado final mostrou que foram exitosas no cumprimento desta tarefa devido à boa qualidade das imagens captadas e a coerência técnica das mesmas com a ideia que pretendiam passar aos expectadores.

EDIÇÃO

No primeiro encontro presencial, as participantes foram informadas que foi escolhido pelos oficinairos o software *Windows Movie Maker* para as edições. E que as instruções seriam relacionadas a este software. As mesmas informaram que pretendiam utilizar o MOVAVI como editor, pois uma das participantes já tinha conhecimentos prévios de edição de vídeos utilizando esta ferramenta. Sendo assim foram postados *links* de vídeos tutoriais sobre o uso do *software* da *Microsoft*, que abordavam assuntos sobre como fazer cortes, inserir créditos, legendas, vinhetas etc. A ideia foi promover a oportunidade de autoinstrução pelas participantes da oficina. Os links, quando acessados, abrem o conteúdo no site YOUTUBE que contém muitos outros links sobre assuntos correlacionados dando a oportunidade do participante procurar outros materiais que venham atender às suas necessidades de aprendizagem. Mesmo tendo escolhido o software MOVAVI para editar o vídeo, os recursos básicos de edição dos dois softwares são semelhantes e não houve necessariamente uma incompatibilidade nas instruções apresentadas já que o nível de interatividade nos dois programas é semelhante. Além disto da mesma forma que há vídeos tutoriais para o *Windows Movie Maker*, também há para o MOVAVI no site YOUTUBE. Os oficinairos se mostraram disponíveis para sanar quaisquer dúvidas que aparecessem nesta fase da produção, porém não houve nenhum contato das participantes relatando problemas, nem consultando sobre dúvida alguma. Mesmo sabendo da escolha das participantes, foi disponibilizado para as mesmas o *link* para download do *Windows Movie Maker*, caso mudassem de ideia.

PRODUTO

O vídeo produzido foi publicado no grupo para apreciação das participantes, oficinairos e do professor. Nesta oportunidade, aproveitou-se para fazer comentários sobre a produção, parabenizar as participantes em relação ao êxito na produção do material e também esclarecer dúvidas que ainda tinham antes de postarem uma versão final que foi postada adiante, antes do vídeo ser exibido em sala de aula.

Avaliação da Oficina - Por meio da ferramenta “Mensagens”, um bate-papo estabelecido entre oficinairos e duas participantes procurou avaliar o acompanhamento virtual da Oficina. Alguns questionamentos foram feitos tais quais: “(...) **quais das postagens foram realmente úteis na realização do trabalho?**” e obteve-se como resposta: “Gostei do vídeo dos cortes apesar de não termos usado. Mas foi útil entender o roteiro, não estava habituada, mas aprendi!” Depois: “**Quanto à participação das alunas que não tinham perfil no Facebook, como se deu? Não deu para acompanhar mais de perto o desempenho delas no trabalho, pois a proposta era acompanhar o grupo a distância**”, e obteve-se o seguinte relato: “Sempre passávamos pra elas, e quando não falávamos nada elas nos perguntavam. Assistiam os vídeos nos nossos PCs”. Mais à frente, elas alertaram que “As meninas participam de toda edição, até as que não tem face, seleção de conteúdo e tudo mais”. Nesta conversa, as alunas relataram que a edição foi feita por apenas uma delas, que já tinha conhecimento prévio em programas de edição, mas isto aconteceu pela primeira vez



pois elas não tinham muito tempo. Então questionou-se se “quando o vídeo ficava pronto você enviava para elas para que dessem sugestões? Ou você fez apenas baseado no que foi decidido juntas na organização do roteiro?”. Elas responderam que esta participante ia salvando o vídeo e ia enviado às demais pelo *Whatsapp* (rede social que funciona em smartphones) para que as demais pudessem opinar sobre o andamento da produção. Não usaram o *Facebook*, segundo elas, por que “estava ruim” para a participante que operava o editor. No geral, gostaram da atividade (inclusive informaram que fizeram juntas outro vídeo depois deste) e do uso da rede social com finalidade pedagógica.

Ao término das atividades foram postados no grupo, por meio da ferramenta perguntar, questionamentos sobre a oficina, sendo que o primeiro queria saber se as participantes já tinham passado por alguma experiência de Educação Online, no que se refere a cursos à distância antes desta (em ambientes virtuais de aprendizagem ou redes sociais). Houve respostas tanto que sim, tanto que não. Investigamos também o que teria levado o grupo a escolher esta oficina, ministrada neste modelo (visto que foram ofertadas outras oficinas na turma). Apareceram respostas que mostraram que as alunas já tinham experiência na produção de vídeos e se interessavam por produções deste tipo.

2.3 Terceiro Encontro Presencial

Mediado pelo Professor da Disciplina, os participantes das oficinas fizeram a exibição de suas produções digitais para o professor da disciplina e o restante da turma.

2.3.1 O produto final: elementos destacados na produção feita pelo grupo

O produto da Oficina foi o vídeo de bolso intitulado “A Família na Construção da História”, com duração de 03 minutos e 03 segundos. O vídeo, conforme o docente havia estabelecido previamente junto com os alunos, deveria abordar a História da Educação do Brasil contada através de experiências pessoais das participantes do



grupo. E assim o fizeram. As participantes gravavam depoimentos de familiares que testemunharam momentos da vida educacional delas. Nestes depoimentos é possível identificar as ideias sobre educação da sociedade brasileira.

As participantes não esqueceram de elementos próprios da narrativa audiovisual tais quais abertura, que se valeu de recursos como animação, fundo musical e efeitos sonoros. As alunas fizeram pesquisa de fontes documentais primárias, tais como fotografias do acervo pessoal delas próprias e as utilizaram para ilustrar suas experiências educacionais. Se valeram dos efeitos de transição para dar valor estético à produção.

As participantes conseguiram extrair dos depoimentos de seus familiares concepções muito parecidas sobre a Educação, no que tange a uma forma de ascensão social e desenvolvimento humano, e destacam, por exemplo, a expressão “ser alguém na vida”, utilizando o recurso da vinheta com efeito de transição, as letras brancas apareciam sobre um fundo preto, no ritmo de uma digitação em uma antiga máquina de escrever, com efeito sonoro que reproduzia o som desta ferramenta em uso.

As participantes demonstraram a concepção de história que norteou o trabalho, através de uma citação do Educador Paulo Freire “...Todo o amanhã se cria num ontem através de um hoje (...) temos que saber o que fomos para saber o que seremos”.

Nos créditos, as alunas tiveram a preocupação de agradecer aos seus familiares e informar que as imagens faziam parte de seu acervo pessoal. Além de terem informado dados sobre a instituição, o docente e a equipe de oficinairos do Proidigit@I. Apesar de terem sido alertados, não se preocuparam em citar dados sobre a música eletrônica de fundo.



Considerações finais

O vídeo constituiu um memorial com relatos de histórias e reflexões das educandas sobre seus processos educacionais e a relação com o seu cotidiano, portanto com sua prática pedagógica que começa a ser escrita, ainda na universidade, e que reverbera em sua prática docente.

“Ao narrar, visitamos o passado na tentativa de buscar o presente em que as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que ficaram ‘esquecidos’ no tempo. (...) buscamos o despertar de outras histórias para que se produzam outros sentidos, outras relações, outros nexos” (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 53).

A experiência aqui relatada nos mostra que a escolha da rede social *Facebook* apresenta alguns aspectos deficientes em relação ao seu uso como uma alternativa aos ambientes virtuais de aprendizagem desenvolvidos especificamente para educação. Pode-se elencar as desvantagens da adoção do *Facebook* como ferramenta de comunicação para a mediação nesta atividade pedagógica tais quais: a não unanimidade de pessoas dispostas a criar perfis na rede social para participar da atividade e a dificuldade de acesso à internet em alguns locais. No que diz respeito ao uso, observamos o pouco envolvimento e a interação das participantes com osicineiros, no sentido de narrarem os estágios das atividades ou postarem os estágios do vídeo durante sua produção mesmo sendo “chamadas” a participarem (talvez não tenham sido estimuladas de forma mais eficiente).

No entanto, esta mesma experiência também demonstrou aspectos positivos do uso do *Facebook*; destacamos, a possibilidade de estimular a autoinstrução, por meio de outras ferramentas da internet associadas, a facilidade do acompanhamento do *status* das atividades por todos os envolvidos na atividade. A plataforma se mostrou como um meio possível de comunicação para atividades pedagógicas. Como recurso de inclusão digital, é recurso válido, no sentido de que é possível agregar mais qualidade e acesso ao conhecimento às horas gastas por dia nas redes sociais pelos jovens.



Referências bibliográficas

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. 153 p. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: UNESCO; Cortez, 1998.

FACEBOOK. **Facebook 01.05.2015**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook_01.05.2015>. Acesso em: 07 jun. 2015.

FACEBOOK. **Central de ajuda**. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/help/162866443847527/>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

GÓMEZ, L. A. O. Características de los ambientes híbridos de aprendizaje: estudio de caso de un programa de posgrado de la Universidad de los Andes. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**. Universitat Oberta de Catalunya, 2010. Vol. 7, n.º 1. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Rusc/article/viewFile/225683/307052>> Acesso em: 16 jun. 2015.

HACK, Josias Ricardo. **Introdução à educação a distância**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MORAN, José Manuel. O Vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Moderna, [2], jan./abr. de 1995. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/desafios_pessoais/vidsal.pdf> . Acesso em: 23 jun. 2015.

MORAN, José Manuel. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD** - uma leitura crítica dos meios. Palestra proferida pelo Professor José Manuel Moran no evento "Programa TV Escola - Capacitação de Gerentes", realizado pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>> Acesso em 10 jun 2015

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 19. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.



6º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação
2º Colóquio Internacional de Educação com Tecnologias

Aprendizagem aberta e invertida

Anais Eletrônicos

ISSN: 1984-1175

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Porque escrever é fazer história**. Campinas, SP: Graf. FE, 2005.

VALLE, Marcelo. **Vídeo de bolso**: novas maneiras de ver o mundo. Rede Mobilizadores, Participação, Direitos e Cidadania, Flávia Machado. 09 dez 2013. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/video-de-bolso-novas-maneiras-de-ver-o-mundo/>> Acesso em: 22 jun. 2015.

WILSON, Carolyn (Org). **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, 2013.